



Editorial

A presente edição reúne expressões de autoras diversas, que abarcam questões sem as quais não podemos pensar transmasculinidades, como negritude, família, sexualidade, processos internos de autodeterminação e reconhecimento, feminilidade e performance, possibilidades de modificação corporal, entre outras. Iniciamos esse volume com as artes de Apuã de Melo, em seu enfoque sobre corpos trans e negros, nas emoções que os atravessam. Expusemos dez artes de Apuã, sendo nove desenhos e pinturas e um poema, chamado “Preto Luz”. Partimos, então, para o texto “Negritude pensada sob a ótica de um homem trans afeminado e pansexual” de Leonardo Luis, em que o autor discorre sobre seus atravessamentos enquanto um homem trans preto e periférico, cuja sexualidade e expressão de gênero não seguem as normas cisheteronormativas. Em seguida, passamos para o poema “Mainha” de Daniel de Brito, que discorre sobre a infância do autor, sua relação com sua mãe, suas experiências com racismo, transfobia e família. O próximo texto, “Sobre infância e repreensão” de Tony Gabriel, retrata as impressões do autor sobre sua infância, sua relação com a família e com a construção de sua masculinidade, no contexto da cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Complementamos o texto com um desenho do próprio autor representando sua família.

O poema “O que é ser homem” de Oliver Cavalcante questiona as noções normativas de hombridade e masculinidade, e é complementado pelo texto “Ser machista não te faz homem de verdade” de Danillo Pietro Craveiro, em que se discorre sobre as experiências de homens trans com machismo e misoginia. Em “ode (o) à masculinidade”, Caio Jade versa sobre seu lugar social enquanto homem “sob o crivo da verdade / ou da mentira”, falando sobre imposição de estereótipos de masculinidade. Seguimos para duas aquarelas de Caru Brandi que retratam perspectivas de corpos transmasculines, antecedendo o ensaio “Uma prosa sobre a mãe e o filho” de Shay de los Santos Rodriguez, sobre a história do nascimento e do crescimento de uma pessoa transmasculina em Tacuarembó, no Uruguay. No texto posterior, “O eu e o outro”, Thomas Terra escreve sobre a representação do “outro” no escopo das transmasculinidades e em sua libertação de um ideal de corpo cisnormativo. O texto é complementado por uma arte do próprio autor.



Em “Carta para mim”, Ernesto Nunes narra sua mensagem para seu eu do passado em relação a quem ele é: um homem transgênero que se descobriu com quase 40 anos. A mensagem dessa carta antecede o poema “Transgressões” de Julian Steven, que retrata as dificuldades enfrentadas por muitas pessoas trans em seus processos de autoidentificação. Com isso, dispomos de quatro desenhos de Uarê, que simbolizam aspectos fundamentais das subjetividades transmasculinas. A partir daí, temos “T de tesão” de Lui Foito, acompanhado de um desenho do próprio autor.

Retornamos a um material de Leonardo Luis, intitulado “Homem trans e drag”, sobre a construção da personagem drag Sabah, e seguimos para Caê Vatiéro num texto que relaciona moda, identidade de gênero e a possibilidade de desconstruir a binariedade. O poema seguinte, de Cauê Assis, desafia a curiosidade de se descobrir se alguém possui “pau ou buceta” e questiona: “O que isso preencherá em você?”. Após o poema, temos o texto “As noções de sexo biológico como instrumento de transfobia” de Dhiego Monteiro, que reforça o questionamento de Cauê Assis. E voltamos à discussão sobre homens trans e a arte drag com o texto de Kauê Conrado sobre a construção de sua própria masculinidade e de sua drag Dafnny Rockffeler.

Seguindo, passamos para o poema “Esquerdoboy” de Bernardo dos Santos, que representa uma forte crítica a figuras masculinas cuja “pele continua aí, branca, pura e imaculada / cheia de privilégio e aval pra opressão” e os desafia: “Mas vem passar um dia sendo preto e trans pra tu ver”.

Gab Pontes, em “Eu cheguei até aqui”, discorre sobre suas vivências durante o isolamento social na atual pandemia do COVID-19 e sobre seu processo de adaptação e autoconhecimento da sua identidade de gênero. Gab Pontes nos diz que o isolamento social conseguiu modificar “a relação íntima com nós mesmos e como sentimos a nossa existência no mundo”. Após isso, temos o ensaio fotográfico de Tali Ifê, fotografado por Nathalia Gregory, chamado “O Homem Invisível: Ensaio reflexivo sobre as perspectivas do visível e invisível aos olhos e a mente sobre um corpo de homem”. Então, apresentamos o poema “Desconfinamento” de Thomas Terra, sobre a vida na cidade grande.

Passamos para um texto reflexivo de Daniel de Brito chamado “Eu Caim”. Nesse diálogo, o interlocutor conversa com uma figura que aparece toda noite e o atormenta, tocando em questões delicadas de seus sentimentos, suas angústias e suas relações consigo. Logo após, temos quadrinhos de Orlando Tailor Vinhoza sobre



peessoas transmasculinas marcantes na História, seguindo para os quadrinhos de Lino Arruda sobre as expectativas em relação às mudanças físicas e os imprevistos decorrentes disso.

A partir daqui, agrupamos os textos acadêmicos, separados entre si por quatro desenhos alternados de Lino Arruda. Em “Uma vida em dissidência de gênero”, Dhan Tripodi escreve sobre suas experiências como um trans homem em uma família religiosa em Salvador, junto de reflexões sobre feminismo e cissexismo. Daí, temos o artigo “Quanto mais pobre preta e perto de ser mulher for: micro e macro violências na poesia e na arte de Kika Sena”, de Esteban Rodrigues, sobre a arte política da artista e ativista Kika Sena e sobre as opressões que atravessam corpos trans negras. Em seguida, partimos para o texto “O corpo transmasculino como um campo de batalha: espaços de narrativas e construções tecno-semióticas” de Kaio Souza Lemos. Nesse texto, o autor discorre sobre vivências, práticas e construções do corpo transmasculino, os processos de hormonização, os processos transexualizadores, etc. Passamos para o texto “A visibilidade intersexo é essencial para despertar a sociedade a respeito das cirurgias de normalização, que acontecem no país e no mundo, sem levar em consideração o futuro da criança”, em que Amiel Vieira escreve sobre indivíduos intersexo, as abordagens da medicina à intersexualidade e as discriminações e violências que atravessam esses corpos.

Em “Produção não preta: corpos contemporâneos”, Alex Pletu expõe suas “inquietações pessoais, a respeito do entendimento do corpo como lugar, que não é indissociável, das consequências de carregar consigo os atravessamentos, na contemporaneidade”, trabalhando com a exposição PretAtitude, ocorrida no Sesc Vila Mariana, em 2019. Revisitamos Orlando Tailor Vinhoza em “Pessoas trans são gente que sobra: uma breve análise marxista da transgeneridade”, onde argumenta a partir da possibilidade de se pensar os conceitos de Marx dentro da experiência de pessoas trans na atualidade.

Em “Acessos à testosterona por homens trans e pessoas transmasculinas”, Patrick M. N. Silva escreve sobre as noções de “trans de verdade” e “trans oficial” em relação à hormonização, e descreve os meios pelos quais pessoas trans conseguem acesso aos hormônios, se desejarem se hormonizar, bem como sobre os riscos de percorrer essa jornada sozinho. Finalizamos esta edição com o texto “A emergência do debate da transmasculinidade negra”, no qual Saman Ferreira reflete sobre



transmasculinidades negras no Brasil, pensando as opressões que atravessam homens trans negros.

Assim, apresentamos o primeiro número da primeira edição da Revista Estudos Transviades. A reunião de tantas produções nesse projeto provoca imenso orgulho em todas as pessoas que se empenharam e que acompanharam o nascimento dessa revista. Trabalhamos para dar visibilidade, criar redes de afeto, fortalecer subjetividades transmasculinas, e também para nos mobilizar politicamente pela conquista de espaço e representação.